

CORREIO DA MANHÃ
14 JUNHO 1957

Quarta-feira, 14 de Junho de 1957

1.º Caderno

ITINERÁRIO DAS ARTES PLÁSTICAS

JAYME MAURÍCIO

CRÔNICA DE PARIS

Picasso tal como é e não como parece

É sempre perigoso para um homem desaparecer pouco a pouco, como ente real, atrás da sua lenda. Seja como for, e por mais vantajosa que se a suponha, a lenda é constantemente, mais ou menos uma mentira; e, no entanto, para não atentar contra o que faz a dignidade essencial do homem, o que se deve a ele é a verdade.

Ora, entre todas as celebridades de nossa época, nada há mais de desmaterializada, de mais desfigurada pela caricatura ou pelo embelezamento que a celebridade de Picasso. Essa espécie de "monstro sagrado" da pintura que há três quartos de século não cessa de ocupar a opinião pública pela qual é cegamente admirado, ou à qual ele exaspera sem razão, é o artista sobre o qual mais se tem escrito, do qual mais se tem falado, e ao qual se tem mais feito falar; e de tal maneira que hoje Picasso desapareceu completamente sob as ondas de palavras e sob uma verdadeira massa de coisas impressas.

Eis, porém, que ele vai reaparecer em uma realidade que não o rebaterá, fazendo o mito que ele se tornou voltar ao personagem humano que nunca deixou de ser. Graças a PICASSO, um livro precioso e muito bem ilustrado, que a Senhora Antonina Vallentin acaba de publicar, edição Albin Michel, o pintor espanhol nos dá a impressão de que era até o presente tão barulhentosamente célebre como secretamente desconhecido. E lendo esse livro, temos, página por página, a surpresa de o descobrir.

A Senhora Antonina Vallentin, a quem devemos sábias e vivas biografias de Henri Heine, Mirabeau, Leonardo da Vinci, Goya e Einstein, apresenta-nos Picasso com tanta ciência como intensidade e verdade. Sua documentação é de uma abundância, de uma segurança, e muitas vezes de uma novidade notáveis. Ela leu tudo que se tem escrito sobre o personagem. Reteve todas as suas "boutades", todos os seus paradoxos, todas as palavras que a ele são atribuídas. Foi buscar dados nas recordações de seu amigo Sabartés. Está ao corrente de todos os seus amores; seguiu-o em todas as suas viagens; mostra maliciosamente como acontece a Picasso mudar, ao mesmo tempo, de modo de pintar, de ter amantes, e de ir de país a país...

Uma documentação assim tão copiosa poderia ter esmagado a Senhora Vallentin sob seu pé. Mas isto não se deu. A biografia não cessa de a dominar e de fazer com que ela dela se sirva para a construção do retrato do artista. Era, no entanto, difícil; porque o modelo é cheio de contradições e de bruscas reviravoltas. Nêle, as coisas contrárias não se contradizem. A Senhora Vallentin descobriu o que, na sua profundidade secreta, faz a dignidade de Picasso. Parece que essa unidade se manifesta pelo desejo de um temperamento excepcionalmente rico de se "realizar" em todas as suas riquezas e de fazer experiência de todas as suas possibilidades.

Se o pintor muda sua maneira de pintar no momento em que o "homem" muda de mulher e de região, é que há simultaneamente em um e no outro faculdades disponíveis e que subitamente exigem ser empregadas. É esse seu desejo imenso e sem nome de nada deixar perder de si próprio, essa constante disponibilidade que lhe permite ir para a frente e, de súbito, voltar atrás, que fazem o fundo único de onde saem todas as suas contradições, todos os caprichos de Picasso.

Sua biografia nos conta tudo isso em detalhe, acompanhando ano a ano a vida do artista. E esse relato constitui o mais curioso, o mais apaixonantes dos romances. Tudo nele é pitoresco, cheio de imprevisão e, por vezes, emocionante. Certos episódios dele se destacam com brilho. Por exemplo, aquele em que o pintor parou, num dia de 1908, na loja do Père Soulier, diante de um grande retrato de mulher que o fez descobrir Henri Rousseau. Ou o de seu encontro com Max Jacob do qual faria um admirável retrato. Ou, ainda, o de sua cooperação nos "Ballets Russes" quando desenhou os costumes para o "Tricórnio Encantado".

O que há talvez de mais comumente no relato da Senhora Vallentin é o episódio de Guernica.

A destruição dessa cidade, durante a guerra da Espanha,

produziu impressão enorme em Picasso. E foi com raiva que logo se pôs no trabalho para traduzir aquela impressão em uma vasta tela que chamou "Guernica." As linhas mestras dessa composição, sabemos, "surgiram em uma só visão e de um só jato". Mas antes que estivesse terminada, houve uma centena de estudos para ela e sobre ela. "Publicadas, em grande parte, — acrescenta a Senhora Vallentin — elas são o guia mais revelador,

o mais seguro do "processus" criador de Picasso".

Dessa obra tão conscienciosa e tão penetrante se desprende um Picasso, um Picasso muito mais simples, mais natural, mais humano, que o da lenda. É o melhor serviço que lhe podia prestar sua biografia. Mostrá-lo tal como ele é, e não como parece — é o mais belo elogio que lhe podia dirigir. — (André DELACOUR) — (Especial para o Correio da Manhã).

KANTOR:

ENCERRAMENTO

A exposição do pintor argentino Manuel Kantor, que tanto êxito vem alcançando, vai ser encerrada no próximo sábado, às 23 horas, na Petite Galerie (Avenida Atlântica).

CLEO NA MAISON DE FRANCE

Continua muito visitada a exposição de desenhos da jovem pintora paulista Cleo na Maison de France (Avenida presidente Antônio Carlos 58) sob o patrocínio da Associação de Cultura France-Brasileira.

PORTINARI EM PARIS



PORTINARI

PEINTURES - BRÉSIL 1956

MAISON DE LA PENSÉE FRANÇAISE

2, RUE DE L'ÉLYSÉE - PARIS VIII - DU 26 MARS AU 28 AVRIL 1957

(MOURLOT - PARIS)

Cândido Portinari realizou em março e abril findos, como se vê no cartaz que reproduzimos, uma exposição de desenhos na Maison de la pensée française. Foi a sua segunda exposição individual em Paris, com um êxito artístico e de público patentesados no volume dos visitantes e na excelente crítica aos seus trabalhos, inclusive o artigo de André Besson, que este jornal traduziu e transcreveu. A exposição de Portinari será brevemente aberta na Alemanha. A affiche da mostra individual de Portinari em Paris aproveitou um dos desenhos a lápis de côr do artista brasileiro, técnica nova em que vem realizando numerosos trabalhos recentes, inclusive toda a série sobre Don Quixote exibida na capital francesa.

CONFERÊNCIAS DO SALÃO MODERNO

Prosseguindo no ciclo de conferências programado para cobertura didática do VI Salão Nacional de Arte Moderna, aberto no edifício do Ministério da Educação e Cultura, serão preferidas mais duas conferências:

Mário Pedrosa — dia 19 — 17,30 horas — O Monumento Moderno
Fayga Ostrower — dia 26 — 17,30 horas — A Deformação na Arte

BEM ACEITOS OS RECUSADOS DE SALDANHA



Aí está uma das telas de Firmino Saldanha recusadas pelo júri da IV Bienal de São Paulo. Ao seu lado o autor e sua esposa, sra Zélia Saldanha. A exposição de todas as cinco telas recusadas, juntamente com o painel para Berlin está aberta até amanhã, sábado, na Galeria Oca, na Praça General Osório em Ipanema, entre 9 e 22 horas. Na inauguração compareceram destacadas personalidades do mundo das artes, destacando-se Lúcio Costa, Oscar Niemeyer, Zélia Salgado, Marc Berckovitz, Ione Saldanha, Raymundo Nogueira, Alfredo Ceschiatti, Mário Pedrosa, Flávio de Aquino, Fayga Ostrower, Henrique e Vera Mindlin, Joaquim Tenreiro, Ruben Braga, Zezé, Franck Scheaffer, Gilda Reis Netto, Margarida Moniz, Wladimir e Tuni Murfínho, Norma Moniz Portinho, Ary Garcia Roza e sra. Mário Faustino, Hélio Uchôa e sra. e muitos outros cujo nome não nos ocorre no momento. Pode-se afirmar decisivamente que a opinião de todos os presentes não foi em nenhum instante favorável, nem mesmo tolerante, para com as decisões do júri que eliminou totalmente os trabalhos do conhecido artista. Realmente é uma coisa difícil de entender, embora seja visível, desde o começo, o nosso apoio integral à atuação do júri. A perplexidade aumenta quando se toma conhecimento dos trabalhos de artistas de categoria inferior que foram aceitos e que o leitor poderá constatar quando da abertura da IV Bienal. Pode-se dizer francamente que os quadros de Saldanha recusados pela Bienal foram integralmente aceitos pelo júri integrado pelas pessoas acima — inclusive a Flávio de Aquino.

SERPA COM TENREIRO E NA PETITE GALERIE

O pintor Ivan Serpa, prêmio de Viagem ao Estrangeiro do VI Salão Nacional de Arte Moderna, aberto atualmente no Ministério da Educação e Cultura, vai inaugurar segunda-feira próxima, às 21 horas, na Galeria Tenreiro (Barata Ribeiro, em Copacabana) uma exposição de várias colagens realizadas há uns dois e três anos atrás.

O mesmo artista apresentará no próximo dia 14 de junho, na Petite Galerie (Avenida Atlântica) uma cuidada e selecionada exposição dos melhores trabalhos de pintura de crianças, escolhidos com a maior severidade entre os resultados destes seus 10 anos de dedicado ensino aos pequeninos de vários educandários do Rio e do Museu de Arte Moderna.